

---

**HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES E DISPERSÃO:  
Resistência e “reflorestamento” em contexto de Pandemia da COVID-19**

**HISTORY OF MIGRATIONS AND DISPERSION:  
Resistance and “reforestation” in the context of the COVID-19 Pandemic**

---

Genildo do Nascimento de Menezes<sup>1</sup>

**Resumo**

A partir das nossas vivências, vimos que o povo Pankará Serrote dos Campos tem história semelhante a outros povos situados na Região Nordeste. Pois, nos tempos de chuvas meus bisavós e meus avós plantavam nos seus terrenos que ficavam localizados na Serra do Arapuá, na Serra do Umã, no Olho d'Água do Muniz e na Fazenda Vaca Morta. Ambos, moravam no município de Carnaubeira da Penha/PE, e nos tempos de estiagem eles eram obrigados a descer a Serra do Arapuá e vinham para as margens do Rio São Francisco para garantir o plantio e o sustento da família. Essa trajetória levava uns dias de viagem, os mesmos tinham locais demarcados para fazer suas comidas, dançarem o Toré e por fim descansarem.

**Palavras-chave:** Migrações. História. Resistência.

**Abstract**

From our experiences, we saw that the Pankará Serrote dos Campos people have a similar history to other peoples located in the Northeast Region. Well, in the rainy season my great-grandparents and my grandparents planted in their lands that were located in Serra do Arapuá, Serra do Umã, Olho d'Água do Muniz and Fazenda Vaca Morta. Both lived in the municipality of Carnaubeira da Penha/PE, and in times of drought they were forced to descend the Serra do Arapuá and came to the banks of the São Francisco River to ensure the planting and livelihood of the family. This trajectory took a few days of travel, they had demarcated places to make their meals, dance the Toré and finally rest.

**Keywords:** Migrations. History. Resistance.

**A CHESF veio destruir sonhos e planos, levando literalmente tudo por água abaixo!**

Entre idas e vindas minha avó conheceu o meu avô e foram morar nas Ilhas da Velha Itacuruba, lugar de terras boas, prósperas, onde havia muita fartura. Lá começaram a plantar roças de arroz, milho, feijão, cebola, dentre outras variedades. E tinham criações de bovinos, ovinos e caprinos. Também pescavam nos rios onde havia diversas variedades de peixes. Eram tempos bem diferentes! “Bons tempos!”

Até que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF veio e construiu a barragem hidrelétrica de Itaparica, que conseqüentemente inundou a cidade de Velha Itacuruba. Assim, vindo a destruir sonhos e planos, levando literalmente tudo por água abaixo, forçando todo mundo a começar tudo do zero em lugares diferentes. A população se dispersou pela região ou migrou para

---

<sup>1</sup>Professor indígenas na Escola Estadual Indígena Luiz Pereira Leal, na Aldeia Pankará Serrote dos Campos (Itacuruba/PE). Licenciando em História no Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco /CESVASF, em Belém de São Francisco/PE.

outros estados, quase sempre vivendo em situações de abandono e descaso por parte do Estado brasileiro. (SCOTT, 2009; 2012).

Aquele empreendimento teve um efeito devastador para as populações indígenas e ribeirinhas que habitavam aquela região. A dispersão dessas comunidades ocasionou graves problemas como: a separação entre famílias; desorganização social, econômica e religiosa; alto índice de adoecimento mental e suicídios. Este último dado tornou o município da “Nova Itacuruba” conhecido nacionalmente, (SILVA, 2019).

A dispersão também acentuou a invisibilidade dessas populações, assim dificultando a sua reorganização identitária e política, ocasionando o desaparecimento temporário nos dados demográficos e cartografias referentes à região de Itaparica. (SILVA; FIALHO, 2017).

Foi nesse contexto de dispersão que meu pai conheceu minha mãe e foram morar juntos na cidade de Curaçá/BA, quando logo em seguida mudaram-se para a Fazenda Milano no município de Santa Maria da Boa Vista. Até que meu pai foi indenizado pela CHESF e ganhou um terreno no projeto Brígida, município de Orocó/PE no ano de 1988. Em 1989 eu nasci na cidade de Cabrobó e morei no Projeto Brígida por quase 10 anos de minha vida, até ocorrer alguns acontecimentos familiares trágicos, forçando uma nova situação de migração, desta vez para o município de “Nova Itacuruba”, onde tive que recomeçar a vida.

### **Sou Genildo do Nascimento de Menezes, indígena Pankará Serrote dos Campos: educando hoje para garantir um amanhã sustentável**

Conhecido como “Genildo Pankará”, nascido no dia 25 de abril de 1989 na cidade de Cabrobó/PE. Hoje tenho 32 anos de idade, sou índio Pankará, filho de Maria Zilda Gomes de Menezes e de Genilson Gercino do Nascimento (ambos falecidos). Tendo como avós maternos: Maria Balbina de Menezes e José Gomes dos Santos, e avós paternos Nailda Antônio do Nascimento e José Gercino do Nascimento.

Me considero um índio guerreiro, pois desde muito cedo tive que aprender a conviver com grandes perdas, em dezembro de 1998 perdi minha mãe, com apenas 9 anos de idade, sete meses depois, em julho de 1999 meu pai faleceu, tornei-me órfão. A partir daí vim morar em Itacuruba/PE com a minha avó paterna. Agradeço muito a ela e a Deus por tê-la colocado em minha vida.

Tenho muito orgulho de ser pai da linda Kauanny Rayane que tem 11 anos de idade, a qual eu dedico todos os esforços e conquistas. Sou liderança junto à Cacique Cícera, e também sou professor na Escola Estadual Indígena Luíz Pereira Leal. Fui estudante na Educação Superior no IF-

Sertão/PE – Campus Floresta, até o início da pandemia da COVID-19. Cursei até o 3º período da Licenciatura em Química. Moro na Aldeia Serrote dos Campos que fica localizada na Zona rural de Itacuruba.

Através de muitos esforços das nossas lideranças juntos com a comunidade conseguimos construir a nossa escola. A mesma foi construída em pouco tempo. Para que fosse possível realizar esse sonho tivemos que trabalhar muito! Compramos todos os materiais necessários, formamos uma grande equipe de homens, mulheres, todos unidos em prol de um só objetivo: buscar sempre o melhor para nossa comunidade e para os nossos curumins.

É muito complicado construir uma escola nova em tempos como esse (tempos de pandemia), porém estamos obtendo grandes resultados. Pois, em menos de dois anos de vida já temos grandes conquistas, batemos recordes de alunos. E recentemente tornamos a nossa escola uma “Escola modelo”. Porque será a primeira escola solar, creio que, a primeira no estado de Pernambuco.

O que é uma escola solar? A Escola Estadual Indígena Luíz Pereira Leal, localizada na nossa aldeia, coordenada pela Cacique Cícera, constitui-se como parte do projeto para a instalação de placas solares na nossa comunidade. Onde serão beneficiadas as crianças Pankará Serrote dos Campos, mais as crianças indígenas Tuxá Campos, Tuxá Pajeú, quilombolas Poços dos Cavalos e Negros de Gilu que estudam nessa escola.

Também estamos nos preparando para montar nossos projetos agroecológicos e agroflorestal, em parceria com o fórum de mudanças climáticas e justiça socioambiental, núcleo de Pernambuco com apoio de: SINDURB PE - Sindicato dos Urbanitários de Pernambuco; FRUNE - Federação Regional dos Urbanitários do Nordeste; Associação dos Protetores da Cultura e da Cidadania – PROVIDA; Cáritas; Voluntários do bem; Diocese de Floresta; Cersa - Comitê de energia renovável do semiárido.

### **No meio do caminho encontramos a pandemia da COVID-19**

Com o início da pandemia, vendo as notícias nada boas do que estava acontecendo com os nossos parentes indígenas de outras aldeias optamos por nos isolar dentro do nosso território. A partir desse momento fechamos a nossa comunidade e só saíamos em caso de extrema necessidade, e só entrava alimentos e o pessoal da saúde indígena. A cada indígena que se trancava era uma voz que deixava de entoar seu canto, era uma mão que deixava de balançar seu maracá, era mais um índio oprimido trancafiado.

Quando percebemos que as coisas estavam mais calmas e que graças ao nosso bom Deus e aos encantos de luz essa praga não se propagou por aqui, então decidimos que era hora de dar uma contrapartida e sair do luto para a luta. Em meio a tudo isso, tínhamos que trabalhar para garantir o sustento. Foi aí que começou o sufoco! A cada saída de casa, um medo, uma incerteza! Mesmo mantendo todos os cuidados, me senti na obrigação de me afastar do convívio com a minha avó, porque além de já está com uma idade avançada, ela tem sua imunidade baixa devido aos 13 anos de tratamento de câncer. Foi muito difícil viver perto de uma pessoa que amamos e ao mesmo tempo está tão longe. Foi bem complicado, mas graças a Deus superamos.

Pois, a pandemia deu início às rotinas exaustivas, entre aulas online, participações em *lives*, organizar planilhas e atividades. Até que chegou um momento em que o estrangulamento da autoestima e do encanto já estava quase se dando por vencido. Além do estresse, vinha várias marcas que seriam deixadas pela pandemia. Então, retomar a minha rotina de forma cuidadosa e reconstruir o que ainda sobrou se transformou um grande sonho, posso dizer que tem sido um desafio enorme.

É preciso manter o foco e a saúde mental sem sair da rotina, sem perder o ritmo escolar e sem abrir mão da prática do estudo. Porém, as dificuldades de adaptação ao ensino remoto e à adequação dos conteúdos para um ensino a distância, começou com o manejo das novas tecnologias. Pois, para mim era tudo novo, principalmente na parte do manuseio dos Apps. As dificuldades foram aumentando quando começaram a coincidir com as rotinas domésticas e com o desânimo.

Outro ponto era a falta de um computador ou um celular que funcionasse conforme as demandas das atividades online. Além disso, eu não tinha internet em casa, e tinha que compartilhar da internet da vizinha. Compreendo que essas dificuldades materiais fazem parte da desigualdade social que se aprofundou mais ainda com a pandemia. Acredito que existem muitas situações semelhantes à minha, e milhares de crianças e jovens com dificuldades de continuar em contato com suas escolas ou instituições de Educação Superior, levando-os a desistirem no meio do caminho.

### **O desafio do florescer, reflorestando a educação indígena e os processos de escolarização**

Ao ver o tamanho dos problemas que eu estava enfrentando, imaginei que as crianças da escola onde hoje estou trabalhando estavam sofrendo em dobro. Pois a maior parte é da Zona rural e vem de famílias desprovidas de alguns bens materiais, não possuem acesso à internet, nem há um celular. Pensando nisso com os demais professores decidimos montar blocos de atividades coletivamente impressos, e fazer um mapeamento sobre onde cada estudante morava, para que assim garantir que todos/as recebessem as suas atividades em casa.

Logo após ser criado a estratégia de fazer o mapeamento para a entrega das atividades impressas conseguimos atingir 100% dos nossos estudantes na hora das entregas. Obtendo uma média de retorno das atividades, entre 85% à 92% respondidas. Enquanto as resoluções de dúvidas e explicações dos conteúdos, como as correções, quando possível eram feitas através de vídeo aulas e de alguns Apps.

Em setembro de 2021, quando estávamos com grande parte do nosso povo vacinado, retomamos algumas atividades presenciais com as crianças que estudam na escola. Pois, conseguimos as placas solares, estão instaladas, só falta vir a Companhia colocar para funcionar. E estamos implementando o Projeto de reflorestamento de algumas plantas nativas da caatinga e vamos tentar fazer a agrofloresta se a equipe do Pró-vida continuar ajudando a gente, com mudas e outros recursos, por exemplo, eles estão aqui quase todas as sextas-feiras oferecendo aulas sobre agroecologia e Meio Ambiente.

Essas ações também vieram reflorestar nossas mentes, emergindo sonhos e ideias aparentemente adormecidas, mas, com esse novo impulso se renovaram trazendo um novo ânimo. Dentre essas ações, também fomos para a beira do rio com as crianças ver como estão as margens. Tudo envolvendo os professores e responsáveis pela escola. Olhamos como estava o desmatamento, vimos que a prainha estava muito suja. Junto com as crianças recolhemos o lixo, registramos com vídeos e fotografias.

**Figuras 1 e 2 – Ação de educação ambiental**



Fonte: acervo do autor, 2021

Na próxima imagem, onde aparecem as plantas encima da mesa, mostra parte de uma aula nossa, onde ensinamos para as crianças a importância de cada planta. Porque muitas delas servem

como ervas medicinais. Então estamos tentando educar as crianças nessa área também, para elas crescerem sabendo um pouco da cultura e da tradição, e a importância da mata para nós.

**Figura 3 – Plantas nativas como recurso didático**



Fonte: acervo do autor, 2021.

Também reunimos as crianças, e cada uma adotou uma planta, e cada planta ficou com o nome da criança que a adotou. Assim, ela plantou e segue cuidando: todo dia molha, e é responsável por aquela planta. O intuito de colocar os nomes das crianças foi firmar o compromisso delas em relação aos cuidados com as plantas. Porque elas têm que cuidarem como se cuidasse de si próprio. E elas não vão querer morrer, então o intuito é não deixarem as plantas morrer também. Estamos precisando de mais mudas, porque as que vieram não são suficientes para o número de crianças que temos na escola.

**Figuras 4 – Reflorestando o território e as mentes**



Fonte: acervo do autor, 2021.

Em outra oportunidade, a gente estava andando com as crianças aqui na caatinga e o professor de geografia desafiou a alguém encontrar uma umburana ou um umbuzeiro que fosse um pé novo. Agente foi avaliar, e o único umbuzeiro menor que temos aqui é no quintal da minha casa. Ele falou que acha que esse pé tem em média 20 a 25 anos. Então é importante incentivar as crianças a plantarem desde agora para que não aconteça o que vem acontecendo em muitos lugares que a umburana, o umbuzeiro, o juá, dentre outras árvores estão ficando extintas, porque as pessoas vão desmatando para fazer plantio, mas, ninguém lembra de deixar essas plantas nativas.

Portanto, percebemos que reflorestar o nosso território com vegetação nativa é necessário e urgente. Ao mesmo tempo que ações desse tipo funcionam como higiene mental, também reflorestam nossas mentes brotando a consciência de preservação do Meio Ambiente e esperança de melhor qualidade de vida para as novas gerações sem abandonar práticas ancestrais de cura por meio do uso das plantas medicinais, ao invés do consumo de medicamentos farmacêuticos. Cuidar do território também fortalece nossas memórias afetivas em relação ao espaço geográfico outrora povoado e cuidado por nossos ancestrais durante os processos de migrações entre a Serra e o Rio.

## Referências

SCOTT, Russel Parry. Descaso planejado: uma interpretação de projetos de barragens a partir da experiência da UHE Itaparica. In: ZHOURI, Andréa (org.). **Desenvolvimento, reconhecimento de direitos e conflitos territoriais**. Brasília – DF: ABA, 2012, p. 122-146.

MENEZES, Genildo do Nascimento de. História de migrações e dispersão: Resistência e “reflorestamento” em contexto de Pandemia da COVID-19. **Revista de estudos indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 1, n. 2, p. 89-96. 2022.

SCOTT, Russel Parry. **Negociações e resistências persistentes**: agricultores e a barragem de Itaparica num contexto de descaso planejado. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SILVA, Whodson Robson da. **O conto das quatro mil almas**: uma etnografia do confronto de indígenas e quilombolas com a Central Nuclear do Nordeste. Recife: UFPE, 2019. (Dissertação Mestrado em Antropologia).

SILVA, Whodson; FIALHO, Vânia. Sobre sujeitos e mapas: ausências e emergências dos indígenas nas cartografias do Sertão de Itaparica. In: NÓBREGA, Ranyére Silva. (Org.). **Reflexões sobre o Semiárido**: obra do encontro do pensamento geográfico. Ananindeua: Itacaiunas, 201, p. 34-51.